

## **Emília** **A Ousadia de uma boneca sem papas na língua<sup>1</sup>**

**Marcus QUINTAES<sup>2</sup>**

*“Mas, afinal de contas, Emília, o que você é? Perguntou o Visconde . Emília levantou para o ar aquele implicante narizinho de retrós e respondeu; - Sou a Independência ou Morte!*

*E Continua: “Nasci no ano de ... ( três estrelinhas), na cidade de .... ( três estrelinhas) filha de gente desarranjada ...*

*Quando o Visconde de Sabugosa , escritor compulsório das memórias da boneca, lhe pergunta: Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade? Emília responde sem titubear e, como sempre, sem papas na língua: “Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira..”*

*Memórias da Emília*

Esta é Emília, uma boneca de pano de quarenta centímetros costurada pelas mãos de Tia Anastácia, e *“que evoluiu e virou gente”*.

Emília nasceu boneca de pano, de trapo e macela, e ficou sendo a companheira preferida de Narizinho. Narizinho é o apelido de Lúcia, neta de Dona Benta, uma simpática senhora de mais de sessenta anos, óculos de ouro na ponta do nariz e dona do famoso Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Emília foi fabricada com retalhos de uma saia velha, olhos de retrós e recheio de macela por Tia Anastácia, gorda senhora negra, cozinheira e espécie de faz de tudo no sítio.

Emília é aquela que protagoniza a grande maioria das obras infantis de Monteiro Lobato e que, possui a incessante capacidade de incendiar a imaginação de todos os seus leitores, adultos e crianças.

No livro “ A menina do narizinho arrebitado”, O narrador chama a boneca de “Excelentíssima Senhora Dona Emília” e a apresenta da seguinte forma:

*“ .. uma boneca de pano, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retrós preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é como ver uma cara de bruxa.*

*... mas apesar disso, narizinho quer muito bem a Sra. Dona Emília, vive a conversar com ela , e não se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha armada entre os dois pés da cadeira”*

<sup>1</sup> publicado na revista Rubedo setembro 2004; [www.rubedo.psc.br](http://www.rubedo.psc.br)

<sup>2</sup> Psicólogo

Emília, sem nenhum pudor, assume com desembaraço sua feiura e a pobreza dos materiais de que é feita:

*“ nasci de uma saia velha da tia anastácia. E nasci vazia... Nasci , fui enchida de macela e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados como qualquer boneca. Feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos Tia Anastácia os fez de linha preta”*

Prestemos atenção as imagens: O texto aponta “ *Narizinho vive a conversar com ela*” . Apenas esta menção não faz de Emília, até então, nenhuma boneca especial, afinal, é fato comum, sempre foi e sempre será , as crianças conversarem com seus brinquedos.

Ao pesquisarmos o imaginário da literatura infantil, percebemos que Monteiro Lobato não inovou ao fazer de uma boneca personagem, nem ao atribuir-lhe fala e outras características humanas. Este é um tema recorrente no universo literário infantil, ou será que já esquecemos da relação apaixonada e tumultuada entre o menino Calvin e seu urso Haroldo nos quadrinhos de Bill Waterson???

A excepcionalidade de Emília tem dia e hora marcada. Ela começa quando Emília começa a falar de verdade: Deixemos a boneca contar sua história: “ *Fiquei falante com uma pílula que o célebre Dr. Caramujo me deu*”

O episódio da conquista da fala é fundamental na biografia e no decorrente fascínio que a boneca exerce sobre nós. É pelo exercício da palavra, falada e escrita, é pela aquisição da linguagem que Emília atinge um outro patamar, transformando-se de réis boneca de trapo e macela- igual a tantos outros comuns brinquedos do cotidiano lúdico infantil- na irresistível, cintilante, inusitada e espevitada criatura a encantar e desconcertar a todos nós, leitores das suas estripulias geniais.

De boneca de pano como nasceu, o percurso da boneca sofre alterações significativas a partir do momento em que aprende a falar graças a uma pílula falante do Dr. Caramujo. Vamos salientar que a solução “pílula” foi sugerida depois de Narizinho recusar, por razões nobres e humanitárias, um transplante de língua de papagaio.

Imperdível é a consulta da boneca com o médico da corte do Príncipe Escamado, Dr. Caramujo, um dos habitantes do Reino das Águas Claras.

*“ Veio a boneca. O doutor escolheu uma pílula falante e pôs-lhe na boca – Engula de uma vez! Disse Narizinho ensinando à Emília como se engole pílula. E não faça tanta careta que arrebenta o outro olho.*

*Emília engoliu a pílula muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: Estou com um horrível gosto de sapo na boca. E falou, falou, falou e falou. Falou tanto que Narizinho , atordoada, disse ao Doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.*

*Não é preciso – explicou o grande médico. Ela que fale até cansar! Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente .*

*Isso é fala recolhida que tem de ser botada para fora.*

*E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se”*

Calou-se? Pergunto eu? Calou-se nada. Daí para frente Emília será sempre uma falante de língua afiadíssima e sem papas na língua.

Aqui lanço uma pergunta: Como, sendo analistas, podemos nos debruçar sobre esta pérola literária descrita por Lobato e não nos deixarmos ser arrebatados por ela?

Pois é somente como analista que posso reconhecer o trabalho do Dr. Caramujo como o trabalho de um analista. Sim, esta é a minha proposta, Dr. Caramujo como imagem de uma analista trabalhando a favor da fala. Libertando a fala de seu silêncio neurótico.

E como Dr. Caramujo opera esta proposta? Com sua indicação de uma pílula falante.

Palavras e pílulas, pílulas e palavras. Pílulas que matam as palavras e pílulas que libertam as palavras.

Em tempos atuais de circulação excessiva de pílulas como Prozac, Ritalina, Viagra, Rivotril, Zoloft, pílulas estas que nos conduzem para a nova mitologia dominante sobre o universo psíquico: a mitologia do cérebro com suas dopaminas, serotoninas, neurotransmissores, sinapses, desequilíbrios químicos, enfim a criação do homem neuronal, modelo onde as palavras sucumbem à força das pílulas, reencontrar a sabedoria e proposição ética do Dr. Caramujo se faz um alívio.

Esta é a indicação de Dr. Caramujo para Emília: Falar até cansar. Fazer uso do verbo, apropriar-se da linguagem, libertar a imaginação contida nas palavras. Não é isto senão o que Freud chamou de método da associação livre?

Não é este o convite que todo analista faz a seu paciente: falar até cansar?

Não seria o espaço analítico o lugar privilegiado para a possibilidade de manifestação daquilo que Dr. Caramujo diagnostica como “fala recolhida”?

Proponho imaginar que uma análise se inicia quando um paciente consegue encontrar um analista como Dr. Caramujo, que o instiga a ir atrás, produzir, imaginar ou criar modos de dar existência às suas “falas recolhidas”.

Porém, não esqueçamos um detalhe. Outra absoluta preciosidade apontada por Narizinho: Não se trata apenas de falar, fala comum e ordinária, pois se este fosse o caso, o transplante de língua de papagaio para isto serviria.

Não se trata de falar com ou como língua de papagaio. Afinal, para onde nos aponta esta imagem “língua de papagaio”? Repetição, imitação, cópia, eco, previsibilidade, recorrência do mesmo. Repetir a fala do outro, usar o discurso do outro ao invés da criação do meu discurso, indiscriminação, serei eu um papagaio do outro? Haverá individuação numa língua de papagaio?

Imaginemos, então, um princípio teórico que possa vir a nortear uma clínica do analista Dr. Caramujo: Do sujeito imerso na língua de papagaio, ao encontro/convite com a pílula falante proposta pelo analista ( seria a transferência um dos nomes da pílula falante?) a fim do encontro com a fala recolhida.

Retornemos a nossa Emília: a falação, que no diagnóstico do Dr. Caramujo era consequência temporária da fala por tanto tempo recolhida, será a marca singular de Emília, apontada ao longo de toda a obra de Lobato, que a ela se refere como *torneirinha de asneiras*.

Bendita torneirinha e bendita asneiras! Pois é justamente a capacidade de falar e seu exercício ilimitado a condição essencial para que Emília desempenhe a importante função que é a sua em todas as aventuras do sítio.

É exatamente esta potência contida na “*torneirinha de asneiras*” que Emília simboliza que confere e adiciona vida e realismo mágico a paisagem convencional do sítio do Pica-Pau amarelo.

Não há espaço do sítio que não carregue as marcas de Emília.

É esta a grande diferença encarnada por Emília, ser uma boneca falante, cuja fala possui uma lógica implacável e sem papas na língua, que se alterna com um surrealismo cheio de non-senses e de trocadilhos.

Emília fala, sabe falar e pela fala convence os outros de seus pontos de vista, o que faz dela ponto de partida das principais aventuras narradas nas histórias.

Emília é o princípio da imaginação, onde nos mostra que imaginação é realidade. As atitudes e as travessuras de Emília tem como função cancelar as fronteiras entre o fictício e o real, o metafórico e o literal, o verídico e o imaginativo. Emília encarna aquilo que James Hillman denomina como uma das atividades da Alma: a reanimação das coisas em termos metafóricos onde a metáfora dá sentido e paixão aos objetos inanimados.

Emília com seus olhos de retrós, inaugura uma perspectiva metafórica que revê os fenômenos do mundo como imagens, possíveis de encontrar sentido e paixão onde a mentalidade cartesiana vê, simplesmente, a mera extensão de objetos desalmados e inanimados.

Émília é o nome dessa possibilidade imaginativa que não se restringe ou sequer se conforma com aquilo que denominamos princípio de realidade. Ela o subverte e busca ampliar-se para além dos seus domínios.

Não é à toa que Emília é aquela que melhor faz uso da mais famosa invenção do engenhoso Visconde de Sabugosa: O famoso Pó de Pirlimpimpim!

O Pó de Pirlimpimpim possuía efeitos mágicos que possibilitavam que todos os personagens se transportassem no tempo e no espaço, ou permitia que os mesmos adquirissem a capacidade de ver ou sentir coisas de “outros”mundos . Quando cheiram o pó, todos sentem a vista turva, a cabeça tonta e são transportados para destinos fantásticos. Lembremos do episódio onde Emília, Narizinho e Pedrinho convencem Tia Anastácia a cheirar o pó de Pirlimpimpim dizendo que se tratava de um simples e puro rapé. O desfecho da estória revela a incrível força do pó: Tia anastácia vai parar na lua fazendo bolinhos para lanchar com São Jorge.!

Curioso lembrar que o famoso Pó de Pirlimpimpim foi considerado ofensivo pelos censores do regime de 64 e teve de ser proscrito da TV na época.

O Pó de Pirlimpimpim torna possível o passeio a outros universos além do Reino das Águas Claras. Ele é o elo de ligação entre o real e a fantasia que permite transportar-se para outros tempos e espaços em aventuras que dialogam com a mitologia grega, com o desejo ancestral de exploração do espaço sideral,ou com famosos personagens literários como Dom Quixote e Peter Pan

Cheirar o Pó de Pirlimpimpim se assemelha a atravessar o espelho como ocorre com Alice nos País das Maravilhas: atravessamento do campo das aparências, cancelamento das fronteiras do ego, desterritorialização da consciência, sucumbir ao rumo errante da imaginação, a possibilidade de ser outro em si mesmo. Não é esta a experiência do inconsciente? Desidentificação com a Persona, atravessamento do Narcisismo, abrir-se para outras “terras”

e “reinos” ainda pouco íntimos de cada um, dialogar com as figuras da imaginação ou as figuras do outro que nos habitam?

É Peter Pan que introduz as crianças no Reino das Maravilhas, transportando-a através do pó:

*“ O reino das maravilhas está em toda parte... é velhíssimo.*

*Começou a existir quando nasceu a primeira criança e há de existir enquanto houver um velho sobre a terra.*

*É fácil de ir lá, perguntou Pedrinho?*

*Facílimo ou impossível. Depende. Para quem possui imaginação é facílimo”*

*“Reinações de Narizinho”*

Aqui, somos fiéis ao método junguiano da circunambulação: andar ao redor da imagem, traçar paralelos, buscar associações, encontrar semelhanças, tudo em torno da imagem a fim de como Hillman diz, aumentar o volume da imagem.

E, se nossa imagem é Emília, aumentemos o volume!!

Ao contrário de todos os outros personagens lobatianos, que se mantém estável ao longo de todos os títulos da série do Sítio do Pica-pau amarelo, Emília ao exercer sua capacidade de fala de modo inventivo, crítico e irônico, ganha uma crescente trajetória de independência em relação aos demais.

Neste percurso, Emília é aquela que questiona o inquestionável, abusa frente as verdades estabelecidas, inaugura novos pontos de vista, desafia normas, condutas e padrões vigentes.

Para muitos críticos, Emília é interpretada como sendo porta-Voz de Monteiro Lobato, também ele um intelectual crítico e participante das principais discussões políticas e culturais da primeira metade do séculoXX.. Um crítico feroz e arguto, e assim como a boneca , que expressava suas posições sem medo e nem papas na língua.

Se faz importante aqui falar um pouco mais da relação entre Lobato e Emília e até lançar a pergunta: Afinal quem é autor? quem é personagem? Quem é criador, quem é criatura?

É Narizinho que nos dá uma pista desse enigma:

*“ Exigente! Vc já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar suas asneiras. Ele é um enjoado muito grande. Parece que gosta mais de você do que de nós – conta tudo de jeito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília prá cá, Emília prá lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta!”*

*“D.Quixote das crianças”*

Uma personagem com ciúmes de outra personagem? Reclamando da preferência do autor/escritor sobre um em detrimento dos demais?

Quem é o personagem? Quem é o autor?

Monteiro Lobato conta que, muitas, vezes ria sozinho ao escrever, das asneiras que colocava na boca da boneca. Emília tem a mesma independência de personalidade e autonomia intelectual que caracterizavam o escritor, mas também possuía uma esperteza e um jeitinho brasileiro que em nada se assemelhavam a Lobato.

O poder de Emília origina-se nas suas idéias ( idéias de Emília e não de Lobato) , frequentemente classificadas como “asneiras” pelos outros personagens e pelo próprio escritor, e da coragem de passar ao empreendimento e a ação.

Sobre Emília, Lobato comenta:

“ ela começou como uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mmas, rapidamente foi evoluindo e adquirindo tanta independência que.. quando lhe perguntaram “mas o que você é, afinal de contas, Emília? Ela respondeu de queixinho empinado: sou a independência ou morte! E é tão independente que nem eu, seu pai, consigo domá-la. (...) fez de mim um “aparelho” , como se diz em linguagem espírita (..)

É Emília hoje que me governa, em vez de ser por mim governada.

“A barca de Gleyre.M.L”

Monteiro Lobato se assemelha neste depoimento a algo que Jung descreve em seu texto “A relação da psicologia analítica com a obra de arte poética” como sendo o processo visionário de criação onde o objeto prevalece sobre o sujeito

Neste, o autor deixa-se levar pelo texto e seus desdobramentos, não determina qual efeito ou solução para os conflitos. Para este, a obra traz em si a sua própria forma. Tudo aquilo que gostaria de acrescentar será recusado, o que não gostaria de aceitar lhe será imposto. Ao autor, só cabe obedecer e executar, ele está submetido a sua obra, ou, pelo menos, ao lado como uma segunda pessoa que tivesse entrado na esfera de um querer estranho.

Um homem dominado por uma boneca.

Lobato criou Emília ou Emília criou Lobato?

Retornando a Emília, quero apontar três episódios onde a boneca demonstra todo o seu inesgotável repertório de desconstrução daquilo que se insinua naturalmente estabelecido e codificado.

O primeiro é a história do casamento de Emília.

No primeiro livro da série, Emília casa-se com o porco Rabicó, bicho de estimação de Narizinho, que sempre o protegia das investidas de Tia Anastácia , para não virar assado de dia de festa.

Guloso e relaxado, Rabicó, é temporariamente marido de Emília, que concorda em casar-se com ele com o objetivo exclusivo de virar marquesa, já que Narizinho tinha inventado que Rabicó era um príncipe disfarçado que reassumiria sua identidade original quando encontrasse um certo anel mágico. Narizinho caprichou tanto na história , convencendo Emília, a ponto de dizer ser este o motivo pelo qual o porco Rabicó vivia a fuçar a terra com seu imenso focinho, estava ele em busca do anel?

Emília engole a história. Diz o narrador: Ser princesa era seu sonho dourado e se para ser princesa fosse preciso casar-se com o fogão ou a alata de lixo, ela o faria sem vacilar”

Assim, o casamento da boneca com o porco é um casamento de interesse, e curiosamente, isto é assumido explicitamente por todos os personagens. Aqui Emília, rompe com a primeira tradição do código: a de que todos devem se casar por amor. Emília não ama Rabicó, Emília ama poder ser Marquesa. Se casar não motivada por amor se constitui uma falta grave, o que dirá então do desenlace da história: O casamento não dura nada, termina no mesmo dia de sua realização quando o noivo, para escândalo e indignação de todos, devora apetitosamente a mesa de doces.

Furioso com o porco, Pedrinho conta a Emília o engodo em que caíra com a história que Narizinho havia lhe contado sobre Rabicó ser marquês.

Indignada, Emília não vacila: Proclama em alto e bom som o seu divórcio imediato do marquês.

Antes do episódio Narizinho, chega a comentar com o príncipe escamado: Tenho vontade de desmanchar seu casamento com o marquês para casá-la com o gato fé lix, pois não está sendo feliz no primeiro casamento”

A atitude de Emília escandaliza a igreja católica da época, que primeiro desaconselha e depois proíbe a leitura de Lobato em colégios católicos.

A polêmica questão da indissociabilidade do casamento não é o único comportamento de Emília que escandaliza setores mais conservadores da sociedade brasileira.

Na história “Viagem ao céu”, um episódio em que Emília se envolve desagradando os mesmos segmentos que já não tinham gostado da ousadia da boneca que se divorciara anteriormente.

Numa viagem a Via Láctea, Emília encontra um anjo de asa quebrada, o traz para o sítio e, com medo que ele fuja, pede para Tia Anastácia cortar a ponta da asa dele, como se fazia para impedir que aves, voando, escapassem do cativeiro.

A imaginação irrefreável de Emília era demais para o clero brasileiro: um anjinho de asa quebrada e ainda por cima tratado como galinha fujona ou como papagaio de poleiro era muito para certas cabeças católicas, que a partir disto, fizeram grandes fogueiras com a obra de Lobato, imitando de modo triste e vergonhoso terríveis autos de fé da inquisição.

É esta imprevisibilidade e irreverência de Emília que a colocam num lugar diferenciado dentro do nosso imaginário infantil.

Emília é aquela que através de atitudes novas e ousadas desconstrói e renova símbolos religiosos ou culturais de determinada época.

Nisto ela cumpre sua função de Trickster como formulada por Jung: Emília é um Trickster. O arquétipo do Trickster é a um só tempo, humano e não-humano, costuma pregar peças nos outros através dos truques, ardis, da magia, da sedução e às vezes da violência.

O trickster é aquele a quem é permitido dizer sob, a forma de bufão, clown, bobo da corte, as verdades em forma de piadas (asneiras como no caso de Emília?)

Jung escreveu em seu artigo “A psicologia da figura do Trickster” que este evolui de um indivíduo psicologicamente inconsciente até atingir a categoria de um ser socialmente desenvolvido. Não é este o caso de Emília? De boneca inanimada a, como define, Tia Anastácia, uma boneca que evoluiu e virou gente?

Finalizando, diríamos que se pela fala, Emília transcende sua condição de ser inanimado, ao manter-se boneca, ela goza de uma liberdade muito maior do que a de nós, humanos, dos quais, ela é afinal, um mero simulacro. Além de imortal por natureza, bonecas envelhecem mas não morrem, por ser uma criatura híbrida – boneca falante, um indecível, Emília desfruta do

melhor dos dois mundos: o das coisas do mundo e o dos humanos, fecundando um com o ponto de vista do outro, e vice-versa, cancelando as diferenças e apagando as diferenças, num exercício infundável e dialético de dar vertigem a qualquer leitor mal avisado.

Como dissemos no início, emília começou como boneca de trapo e macela e , apesar de tornar-se falante, continua boneca, sempre será uma boneca de trapo e macela, o que faz com que se mantenha o impacto que ainda causa hoje, início do século XXI .

Sabemos que boneca não é gente. Mas o que dizer de uma boneca que, como disse uma espantada Tia Anastácia, “fala mesmo, Sinhá, fala que nem gente!!” .

É esse espanto de Tia Anastácia , criadora da Emília de Pano e Macela, que se renova, de geração em geração, através da leitura das obras de Monteiro Lobato ,formando em cada um de nós , a possibilidade de irmos habitar, com o uso do pó de pirlimpimpim, este lugar encantado chamado Inconsciente, .....quer dizer, Sítio do Pica-Pau amarelo.